

Refletindo sobre metodologias do ensino de Língua Portuguesa em Penedo - AL: um estudo em escolas públicas e privadas

Reflecting on Portuguese Language teaching methodologies in Penedo - AL: a study in public and private schools

Aldo Matheus do Nascimento Silva¹
Universidade Federal de Alagoas

Daiana Mércia de Souza²
Universidade Federal de Alagoas

Eliane Vitorino de Moura Oliveira³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo central refletir sobre as metodologias do ensino Língua Portuguesa (LP) no município de Penedo - AL a partir de uma investigação em escolas públicas e privadas sobre o que pensam e acreditam os/as docentes dessa cidade. Para tanto, adota uma metodologia de abordagem qualitativa (Flick, 2009; Bortoni-Ricardo, 2008), de caráter intervencionista. O *corpus* de análise é formado pelas respostas dadas pelos/as docentes a treze perguntas, entre questões objetivas e discursivas. Além disso, o trabalho está embasado teoricamente por autores/as como Antunes (2007; 2014), Bortoni-Ricardo (2005), Franchi (1991) e Geraldi (1984), que apresentam considerações relevantes e discutem sobre o ensino de LP no Brasil, apresentam a tríade texto, gramática e análise linguística, bem como apontam os principais desafios no âmbito do ensino. Como resultados, tem-se que as respostas dos questionários dos/as docentes, tanto da rede pública como da privada, são semelhantes no que tange à utilização de metodologias contextualizadas, isto é, aquelas que possuem como foco o texto, e metodologias tradicionais e contextualizadas em um único bloco. Isso revela, portanto, que as duas redes compartilham (in)diretamente sobre algumas atitudes e sobre o que acreditam em relação ao ensino de LP no município ribeirinho.

Palavras-chave: Metodologias. Língua Portuguesa. Docentes. Escolas Públicas e Privadas. Ensino.

¹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa (2023) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - *Campus* Arapiraca/Sede. Especialista (2024) em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho (CEAD/UFPI) e em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Artes (FAVENI). aldo.matheus@arapiraca.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2440-1530>

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura do PPGLL/FALE/UFAL. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas (2018). daiana.merciasouza@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0009.0005.1332.8392>

³ Docente na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Curso de Letras - Língua Portuguesa - *Campus* Arapiraca/Sede e no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLL/FALE/UFAL. eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0698-3795>

Abstract

The main objective of this research is to reflect on the teaching methodologies of Portuguese Language (PL) in the city of Penedo - AL, based on an investigation in public and private schools about what teachers in this city think and believe. To this end, it adopts a qualitative approach methodology (Flick, 2009; Bortoni-Ricardo, 2008), with an interventionist approach. The corpus of analysis is formed by the answers given by teachers to three questions, including objective and discursive questions. In addition, the work is theoretically based on authors such as Antunes (2007; 2014), Bortoni-Ricardo (2005), Franchi (1991) and Geraldi (1984), who present relevant considerations and discuss the teaching of PL in Brazil. , present the triad of textual, grammatical and linguistic analysis, as well as point out the main challenges in the field of teaching. As a result, the responses to the questionnaires from teachers in both the public and private schools are similar in terms of the use of contextualized methodologies, that is, those that focus on the text, and traditional and contextualized methodologies in a single block. This reveals, therefore, that the two networks (in)directly share some attitudes and what we believe in relation to the teaching of PL in the riverside municipality.

Keywords: Methodologies. Portuguese Language. Teachers. Public and Private Schools. Teaching.

Considerações iniciais

É notório que a sociedade brasileira vem passando por inúmeras transformações, haja vista os avanços técnicos, científicos e informacionais provenientes da 3ª Revolução Industrial, essa caracterizada pelo desenvolvimento exponencial nas áreas de informática, eletrônica e robótica. Assim, pode-se destacar que a língua, que não é imutável, também acompanha o curso de mudanças socioculturais de quaisquer sociedades, ainda que falantes não consigam perceber ou aceitar algumas mudanças, levando-se em consideração aquilo em que acreditam acerca do ambiente no qual estão imersos.

Acerca de mudanças, destaca-se, por exemplo, que alguns ideais linguísticos preconizados e amplamente defendidos no final do século XIX e começo do XX, por exemplo, não podem permanecer e não são os mesmos (Callou, 2013). Nesse sentido, não se utiliza mais o pronome Vossa Mercê que, em um processo de variação, resultou no pronome Você – incorporado, ao passar dos anos, para referência à segunda pessoa do singular no quadro pronominal Português Brasileiro, segundo Silva e Vitória (2019).

No entanto, algumas mudanças sociais e, sobretudo, linguísticas não influenciaram, como deveriam, o ensino de Língua Portuguesa (LP). Isso pode ser percebido através da utilização de metodologias para o ensino de LP que, muitas vezes, não conseguem sair do limite do certo e errado em sala de aula. Nessa ótica, pode-se mencionar os Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, como indicadores dos níveis de aprendizagem de estudantes do Brasil inteiro.

Feitas essas considerações, pontua-se que este estudo tem como objetivo refletir sobre as metodologias do ensino LP no município de Penedo - AL a partir de uma investigação em escolas públicas e privadas sobre o que pensam e acreditam os/as docentes dessa cidade. Além disso, tem-se, como objetivos específicos: a) levantar informações sobre quais são as principais metodologias que docentes penedenses utilizam em suas aulas; e b) sugerir uma (re)análise da prática pedagógica, caso necessário, a partir das respostas aos questionários, no que tange ao ensino de LP no município ribeirinho.

Para tanto, esta pesquisa adota como metodologia uma abordagem qualitativa (Flick, 2009; Bortoni-Ricardo, 2008), de caráter intervencionista. No que se refere-se à composição do *corpus* de análise, esse é formado pelas respostas dadas pelos docentes a treze perguntas, entre questões objetivas e discursivas. Além disso, o trabalho está embasado teoricamente por autores/as como Antunes (2007; 2014), Bortoni-Ricardo (2005), Franchi (1991) e Geraldi (1984), que apresentam considerações relevantes e discutem sobre o ensino de LP no Brasil, apresentam a tríade texto, gramática e análise linguística, bem como apontam os principais desafios no âmbito do ensino.

A pesquisa justifica-se como pertinente à comunidade em geral, por socializar uma reflexão sobre metodologias do ensino de LP em uma cidade do interior de Alagoas, a partir de escolas públicas e privadas; à comunidade acadêmica, por propor discussões sobre uma temática relevante a docentes em exercício na Educação Básica e a docentes em formação em Universidades; e aos pesquisadores autores deste estudo, por apresentarem questões sobre o ensino de LP, evidenciando a importância do (re)pensar a prática pedagógica para que esse ensino seja contextualizado, não obstante os impasses encontrados na sociedade atual.

O trabalho está organizado por quatro seções. Na primeira seção, tem-se uma breve discussão sobre o ensino de LP no Brasil (definições, formas de ensino, trabalho com o texto); na segunda, apresentam-se considerações mais gerais sobre os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa; na terceira, encontram-se a análise e as discussões dos resultados, de modo a entender a problemática pormenorizadamente; e, por fim, na quarta, estão dispostas as considerações finais sobre a temática discorrida, reiterando a relevância de discussões a partir de reflexões, seguidas das referências adotadas.

Ensino de Língua Portuguesa: o texto como ponto de partida e chegada

É amplamente difundido – entre não linguistas – que, para o êxito do trabalho pedagógico com a linguagem, ensinar gramática *per se* é suficiente, sobretudo quando é entendida como nomenclaturas ou simples conjunto de regras⁴ – as quais devem ser seguidas por aqueles/as que querem ‘falar e escrever corretamente’ (Possenti, 1984, p. 31). No

⁴ Aqui entendida como Gramática normativa/prescritiva, a qual elenca “os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social” (Bechara, 2019, p. 55).

entanto, sabe-se que essas regras são, por vezes, anacrônicas, inconsistentes e, até mesmo, descabidas, conforme pontua Antunes (2014).

Apesar de a sociedade entender o contrário e alguns/mas professores/as também, a gramática é um dos componentes da língua, mas não o único (Antunes, 2014). Cabe à escola ensinar a variedade padrão, que é prestigiada socialmente, mas ensiná-la exclusivamente, ou seja, levar aos alunos apenas, “[...] as variantes artificiais da escola ou não ter consciência dos objetivos do seu ensino”, nas palavras de Barbosa (2013, p. 32), pode representar um problema para a aprendizagem de alunos/as.

Assim, esse problema – percebido através das mais diversas avaliações escolares – é corroborado por um ensino de LP que se restringe a separar, na língua, o que é certo e o que é errado (Barbosa, 2013). Atrelado a isso, entre metas e prática, é notável um quadro de fracassos, o qual exige dos/as docentes uma reflexão acerca de aspectos ideológicos, bem como das crises que rondam o próprio fazer metodológico, segundo Barbosa (2013).

Não obstante às diversas mudanças técnicas, científicas e informacionais, é fácil constatar que a crise do ensino, como ratifica Callou (2013, p. 14), insere-se em um “[...] contexto mais abrangente das circunstâncias culturais e econômicas em que vivem as civilizações modernas, sob a influência dos mais recentes meios de comunicação e sob o impacto da massificação do ensino”. Contudo, a autora afirma que tal influência não foi acompanhada de novos objetivos a serem galgados e, por conseguinte, de nova(s) metodologia(s) a ser(em) adotada(s).

Na década de 80, por exemplo, linguistas baseados em pesquisas já abordavam que

o ensino de português tem se mostrado inútil (os resultados negativos nos autorizam tal classificação). Recursos humanos e materiais têm sido criminosamente desperdiçados numa atividade vazia de significado: onze anos de escola e o indivíduo está menos instrumentalizado lingüisticamente que ao entrar na escola (Faraco, 1984, p. 18).

Passados 40 anos, e com o advento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), pode-se dizer que o ensino de LP e, mais especificamente, os livros didáticos têm trazido textos autênticos para o trabalho em sala de aula, caracterizando uma mudança da década de 1980 até hoje. No entanto, o que acontece em sala de aula, na maioria das vezes, é a produção de textos sem um propósito real, ou seja, redações feitas para que o/a professor/a corrija apenas, valendo nota, sem propósito comunicativo real. Nesse sentido, Barbosa (2013) argumenta que o ensino de LP deve compreender o funcionamento desse ensino hoje, e no passado, em processo dinâmico de capacitação dos/as discentes, visando à produção de textos orais e escritos e trazendo como foco o texto real produzido em uma situação concreta de interação.

Todavia isso não pode ser percebido plenamente nas salas de aulas brasileiras públicas – e privadas –, haja vista o texto não ser utilizado como ponto de partida e de chegada (Geraldini, 1984) para o processo de ensino-aprendizagem do alunado. Dessa maneira, Pauliukonis (2013) afirma que

talvez um dos maiores desafios para o ensino de língua, enfrentados hoje pela escola, seja articular o conhecimento gramatical, cujo conteúdo se assenta em um consenso, com a necessidade de aprimorar a capacidade de ler e produzir textos que se mostrem competentes com a competência textual e discursiva do aluno, cada vez mais exigida pela sociedade do conhecimento. Atualmente, busca-se definir qual o conteúdo e a metodologia adequados para o ensino de leitura/interpretação e da produção textual (Pauliukonis, 2013, p. 229).

Acerca disso e para articular o conhecimento gramatical com a necessidade de ler e produzir textos inteligíveis e socialmente relevantes não basta apenas saber a língua, ou seja, dominar as habilidades de uso dessa em situações reais de interação. É necessário, portanto, analisar essa língua, em sua totalidade, focalizando seu uso, tendo em vista que é constituída na interação social, conforme a assertiva de Geraldi (1984).

Nessa ótica, a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade (Geraldí, 1984) e, ainda, na interlocução, sendo no interior do seu próprio funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras desse jogo. A partir disso, é imprescindível que o/a professor/a na interação social – condição de desenvolvimento da linguagem – oportunize ao alunado a ampliação de uso do sistema linguístico que tem internalizado a fim de que constitua a si próprio como sujeito/locutor da interação com outros/as interlocutores/as (Franchi, 1991).

Para oportunizar essa ampliação, algumas concepções que subjazem à prática pedagógica do/a professor/a de LP precisam ser repensadas. Para um trabalho profícuo em sala de aula, Fonseca e Geraldi (1984), concebendo a linguagem como um lugar de interação, no qual os sujeitos se constituem através do processo de interlocução, propõem para o ensino de LP três práticas interligadas: a) prática de leitura de textos; b) prática de produção de textos; e c) prática da análise linguística.

Ao serem propostas, os autores apresentam que tais práticas possuem dois objetivos centrais: “tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto a uso da linguagem e possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio da língua padrão em suas modalidades orais e escrita” (Fonseca; Geraldi, 1984, p. 95). Nesse sentido, optar por um ensino de língua a partir dessa perspectiva implica conceber a linguagem, a gramática e o texto como complementares, consonantes, e não como um espaço privilegiado para trabalho exclusivo com a gramática normativa.

Além disso, a maneira como o/a professor/a concebe a linguagem interfere em suas práticas. O/a docente que entende a linguagem como expressão do pensamento pressupõe que pessoas que não conseguem se expressar não pensam. Entender a linguagem como instrumento de comunicação significa perceber a língua como código capaz de transmitir ao receptor determinada mensagem. Por fim, ao entender a linguagem como interação, compreende-se que “o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromisso e vínculos que não pré-existiam antes da fala”, como explica Geraldi (1984, p. 43).

Ao assumir uma concepção da linguagem como interação, pode-se destacar que a gramática não se organiza sozinha, não basta por si própria como também não é separada das atividades verbais realizadas por seus falantes (Antunes, 2014), visto que não há gramática fora da língua.

É na interação, no cruzamento de todas as ações verbais que as regras de gramática normativa se vão se internalizando e se consolidando, a ponto de se estabelecerem como algo constitutivo do saber linguístico de todo falante (Antunes, 2014). Outrossim, reitera-se a importância de o ensino da gramática normativa ser contextualizado, pois, “[...] todos os fatos gramaticais somente se justificam e se explicam nos contextos (situacionais e verbais) em que as ações de linguagem ocorrem” (Antunes, 2014, p. 25). Assim, evidencia-se que a gramática por si só não basta e o que se estuda na escola não chega, de fato, a ser a gramática relevante para o exercício, em textos, da linguagem (Antunes, 2007).

Tendo em vista, agora, a concepção de linguagem como interação e um ensino de gramática de maneira contextualizada, isto é, partindo de usos reais da língua, algumas alternativas para o ensino de LP podem ser encaminhadas, valendo-se do texto como a forma prioritária de se usar a língua ou, nas palavras de Antunes (2007), a única forma, a forma necessária. A sua indispensabilidade decorre, pois, do fato de ele ser o ponto de partida e de chegada de quaisquer atividades com a linguagem (Geraldini, 1984). Em outras palavras, pode-se destacar que o estudo de língua é efetivado a partir da exploração de atividades textuais e discursivas, sendo o trabalho com a gramática bem mais aproveitado nessas atividades.

Diante da união da linguagem, da gramática e do texto, pode-se começar a vislumbrar uma mudança nas atividades escolares, sendo somadas às metodologias empregadas no ensino de LP. Nessa ótica, a presente pesquisa busca refletir sobre as principais metodologias de ensino de LP no município de Penedo - AL, por intermédio de uma investigação em escolas públicas e privadas no tange ao que pensam e acreditam os/as docentes dessa cidade e ao modo como tais metodologias impactam no ensino-aprendizagem de língua materna.

Na próxima seção, estão dispostos os procedimentos metodológicos do estudo, evidenciando a caracterização e a justificativa para escolha do método de abordagem, a quantidade e o perfil de colaboradores/as, a forma de disposição dos dados, provenientes de questionários, e a organização da análise desses dados.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa realiza-se através das visões da Linguística Aplicada, com uma abordagem qualitativa, de caráter intervencionista. Nesse sentido, cabe salientar que pesquisa qualitativa, segundo Flick (2007, p. 9 *apud* Paiva, 2019, p. 13), tem por propósito entender, interpretar (Bortoni-Ricardo, 2009), “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” em um contexto social. Desse modo, ressalta-se que a escolha por essa abordagem se deu em virtude da necessidade de compreender e refletir sobre quais são as metodologias utilizadas no ensino de LP no

município de Penedo - AL a partir das respostas aos questionários aplicados a docentes e as implicações dessa utilização ao processo de ensino-aprendizagem.

A escolha por essa abordagem aconteceu em virtude de as atividades dos sujeitos envolvidos serem analisadas em seus contextos locais (Flick, 2009). Nessa ótica, enfatiza-se que a pesquisa qualitativa se justifica como relevante porque consiste, dentre vários aspectos, “[...] nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento” (Flick, 2009, p. 37), entendendo na totalidade seu objeto de estudo, no caso desta investigação, a metodologia de docentes penedenses.

O trabalho seguiu, basicamente, três etapas. Na primeira, realizou-se a revisão de literatura acerca do que os estudos abordavam em relação ao ensino de LP de modo geral, questões relacionadas ao texto como ponto de partida e chegada e as dificuldades ainda persistentes, não obstante avanços técnicos, científicos e informacionais.

Já na segunda etapa, realizou-se a aplicação de um questionário do *Google Forms* intitulado “Questionário sobre Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa (LP)”. Segundo Gil (1999, p. 128), questionário trata-se de uma técnica de “investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

A escolha do instrumento questionário de pesquisa para coleta de dados é apoiada por Parasuraman (1991), a qual afirma que o instrumento não é somente um agrupamento de questões feitas para atingir nossos objetivos, todavia, sim, uma importante ferramenta que necessita de dedicação e tempo em sua elaboração, objetivando entender o objeto em uma visão holística.

O questionário aplicado foi composto por treze questões⁵ – objetivas e discursivas. As primeiras questões – 1 a 8 – versam sobre informações gerais. Já as demais questões são mais específicas, conforme disposição abaixo:

1. Idade:
2. Ano de formação:
3. Tempo de docência:
4. Ensina LP nos anos finais EF, na cidade de:
5. Ensina LP nos anos finais EF em área rural ou urbana?
6. Se você leciona LP nas áreas rural e urbana, está respondendo sobre qual contexto?
7. Ensina LP nos anos finais EF em escolas públicas ou privadas?
8. Se você leciona em escolas Públicas e Privadas, está respondendo sobre qual contexto?
9. Qual é a metodologia utilizada por você para lecionar aulas de LP atualmente?

⁵ Objetivando manter o sigilo sobre a identidade dos/as colaboradores/as, o questionário não conteve a seção “Nome do/a participante”.

- a () metodologia tradicional (ensino do texto como pretexto para se trabalhar gramática normativa, sem muita reflexão dos usos que discentes fazem em seus cotidianos)
- b () metodologia contextualizada (o foco está no texto, o qual é utilizado como contexto para ensino de gramática normativa, atuando o/a docente como mediador no processo de ensino-aprendizagem de seus/as alunos/as)
- c () metodologia contextualizada e metodologia tradicional
- d () nenhuma das opções
10. Você considera que, a depender da metodologia utilizada em sala de aula, o aprendizado dos/as estudantes pode ser afetado positivamente ou negativamente?
- a () sim, totalmente.
- b () sim, parcialmente.
- c () não.
- d () não sei responder com exatidão.
11. Quais são os principais materiais/subsídios utilizados por você para suas aulas?
12. Como avalia que a metodologia utilizada por você, em sala de aula, é eficaz para seus/as alunos/as?
13. Qual a sua concepção de “língua” e “gramática”?

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quatorze colaboradores/as responderam ao questionário, sendo quatro do sexo masculino e dez do feminino, com idades de 32 a 59 anos e com tempo de docência de quatro a 38 anos. Esses/as professores/as, chamados/as aqui de colaboradores/as, lecionam LP do 6º ao 9º dos Anos Finais do Ensino Fundamental, no referido município, e estão distribuídos em escolas da rede pública e privada. Obteve-se respostas de seis⁶ colaboradores/as da rede privada e oito⁷ da rede pública, compreendendo as zonas urbana e rural.

A fim de começar a entender um pouco mais sobre o perfil dos/as colaboradores/as do estudo, tem-se o quadro 1:

⁶ Contemplando, assim, todas as instituições de ensino privadas que ofertam os Anos Finais do Ensino Fundamental no município.

⁷ A diferença entre o número de participantes das redes deu-se em virtude de as escolas públicas estarem presentes em maior quantidade no município em relação às da rede privada.

Quadro 1: Sistematização do perfil dos/as colaboradores/as de Penedo - AL⁸

SISTEMATIZAÇÃO DO PERFIL DOS/AS DOCENTES COLABORADORES/AS EM PENEDO - AL											
REDE PÚBLICA						REDE PRIVADA					
Nº	IDADE	ANO DE FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	ZONA		Nº	IDADE	ANO DE FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	ZONA	
				URBANA	RURAL					URBANA	RURAL
C1	32	2015	8	X		C9	33	2019	8	X	
C2	34	2016	16	X		C10	35	2017	4	X	
C3	34	2018	7		X	C11	39	2018	7	X	
C4	43	2012	9	X		C12	40	2008	10	X	
C5	47	2013	8	X		C13	50	1997	27	X	
C6	51	2005	26	X		C14	59	1982	38	X	
C7	52	2002	32	X							
C8	52	2009	10	X							

Fonte: Elaboração própria (2024).

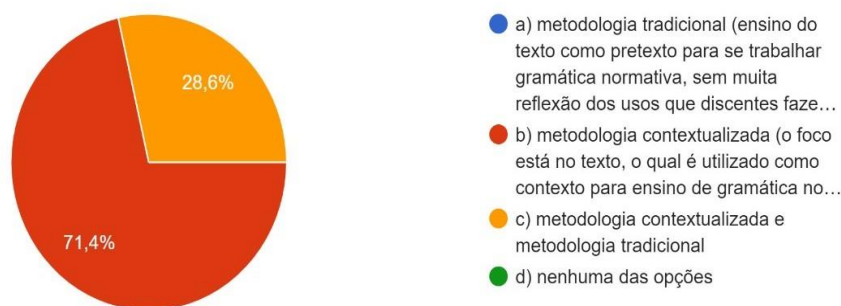
Na próxima seção, são apresentadas a análise e discussão dos resultados, abordando questão por questão, valendo-se de recursos como gráficos e nuvem de palavras, de modo a entender algumas nuances encontradas para a reflexão sobre as metodologias desses/as docentes no município em questão.

Análise e discussão dos resultados

A partir das respostas ao questionário aplicado, pode-se mencionar que alguns/mas docentes tiveram dificuldade de interpretação no concernente às questões mais subjetivas, sendo esse, *a priori*, um ponto para ser refletido, haja vista estarem lidando, exatamente, como a linguagem em situação concreta de seus cotidianos.

No que concerne à pergunta 9 “Qual é a metodologia utilizada por você para lecionar aulas de LP atualmente”, tem-se as seguintes respostas:

Gráfico 1: Pergunta 9 “Qual é a metodologia utilizada por você para lecionar aulas de LP atualmente”



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

⁸ A letra “C” no quadro e ao longo da análise, seguida de numeração, refere-se à abreviação do vocábulo “Colaborador/a”.

O gráfico 1^o apresenta a distribuição de qual é ou quais são as principais metodologias utilizadas por docentes nas aulas de LP, sendo agrupadas nas categorias: a) metodologia tradicional, b) metodologia contextualizada e c) metodologia contextualizada e metodologia tradicional. Percebe-se, através do gráfico 1, que boa parte dos/as docentes afirmam valer-se da metodologia contextualizada, ou seja, aquela pautada e com foco no texto, sendo esse utilizado como contexto para ensino de gramática normativa, além de o/a docente atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem do alunado.

Com efeito, é perceptível que tanto docentes da rede pública como da rede privada – dez docentes, resultando em 71,4% – pautam as suas aulas de LP no texto e em todos os efeitos de sentido provenientes de sua utilização em contextos reais. Assim, quando a prática docente tem por base o texto, objetiva-se ultrapassar, não obstante os limites do ambiente escolar, a artificialidade que se instaura na sala de aula no concernente ao uso da linguagem, e também proporcionar, através do uso não artificial da linguagem, o domínio da língua considerada padrão em suas modalidades oral e escrita (Fonseca; Geraldi, 1984).

Tal resultado é promissor, pois percebe-se que os/as colaboradores/as entendem, de fato, a centralidade do texto, ou, como expressa Antunes (2007), que

o texto não é a forma prioritária de se usar a língua. É a *única forma*. A *forma necessária*. Não tem outra. A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem. Sua exploração em sala de aula tem outras razões que deixar as aulas menos monótonas e mais motivadoras. Tudo o que nos deve interessar no estudo de língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas (Antunes, 2007, p. 130, grifo da autora).

Sendo o texto a forma prioritária de se usar a língua, 28,6% que afirmaram fazer uso da metodologia contextualizada com a metodologia tradicional (essa última materializada quando o ensino do texto é pretexto para se trabalhar gramática normativa, sem muita reflexão dos usos que discentes fazem em seus cotidianos) causa certa preocupação, uma vez que diversas pesquisas acadêmicas em ambiente escolar já demonstrarem a ineficácia de utilização de uma metodologia com esses aspectos para o ensino de LP.

Franchi (1991), por exemplo, defende desde a década de 1980, que

interessa pouco descobrir a melhor definição de substantivo ou de sujeito ou do que quer que seja. No plano em que se dá a análise escolar, certamente não existem as boas definições. Seria mais fácil fazê-lo em uma teoria formal do que em uma análise que tateie somente pela superfície das expressões. Mas interessa, e muito, levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus

⁹ Esse e os demais gráficos são apenas ilustrativos, não cabendo, portanto, uma análise quantitativa para o estudo.

textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas lingüísticas disponíveis para suas mais diversas opções (Franchi, 1991, p. 13, grifos do autor).

Nessa seara, é evidente a necessidade de reflexão acerca da não eficácia desse tipo de metodologia [tradicional] para as aulas de LP. Dessa maneira, é bem mais produtivo – e, inclusive, faz mais sentido para os/as discentes – um ensino de língua que propicie o estudo das relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que interagem, e não simplesmente estabelecer classificações/nomenclaturas e denominar os tipos de sentenças (Geraldi, 1984), que não em nada oportunizam e/ou ampliam o desempenho de estudantes nas mais diversas situações comunicativas na e, sobretudo, fora da escola.

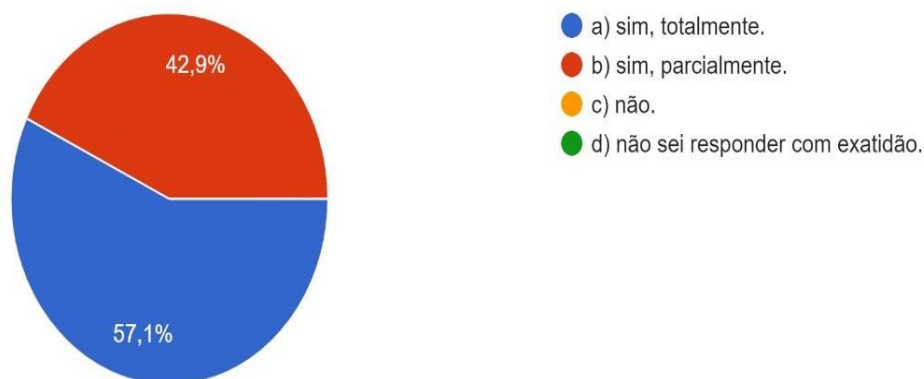
Como resposta – e embasamento, talvez – à utilização ainda tão presente da metodologia tradicional na práxis docente, é imprescindível analisar alguns aspectos nesse contexto. Outrossim, a análise de quais são, por exemplo, as concepções de língua e gramática podem trazer algumas respostas (ou justificativas?) para a adoção de determinada(s) metodologia(s), pois é (são) ela(s) que norteia(m) o trabalho cotidiano com a LP.

Tendo isso em vista, tomando por base a questão 13 “Qual a sua concepção de ‘língua’ e ‘gramática?’”, pode-se estabelecer uma relação entre essa questão e a anterior. Dos/as quatro colaboradores/as que dizem pautar sua prática pedagógica na metodologia contextualizada e, concomitantemente, tradicional, as respostas de três participantes chamam a atenção no que tange às concepções mencionadas. A C5 afirma de modo categórico que língua e gramática são “comunicação”. Já a C10 concebe língua como “sistema convencionado pelos homens e utilizados por grupos” e não formula nada em relação ao conceito gramática. A C11, por sua vez, afirma que “a língua é falada desde que se é criança, então, cada variedade deve ser respeitada” e já a “gramática serve para auxiliar a usar a língua de forma eficaz, para coesão e coerência”.

Nas falas de C5, C10 e C11, são notáveis concepções de língua e gramática um tanto reducionistas e, por vezes, confusas. Nesse sentido, Antunes (2007, p. 39) ratifica que a ideia de que a língua e gramática são uma mesma coisa só advém do fato de, ingenuamente, se acreditar que “a língua é constituída de um único componente: a gramática”. Portanto, sob esse viés, saber uma língua equivaleria a saber sua gramática, ou, como ainda defende Antunes (2007), saber a gramática de uma língua equivaleria a dominar integralmente tal língua. Isso não se sustenta, sobretudo quando os/as estudantes são expostos a situações reais de comunicação (e não simuladas como em compêndios gramaticais normativos) e se veem em apuros por lhes faltar repertório útil/real para o desenvolvimento da situação sociocomunicativa.

O gráfico 2, a seguir, expressa as respostas à pergunta 10 “Você considera que, a depender da metodologia utilizada em sala de aula, o aprendizado dos/as estudantes pode ser afetado positivamente ou negativamente?”:

Gráfico 2: Pergunta 10 “Você considera que, a depender da metodologia utilizada em sala de aula, o aprendizado dos/as estudantes pode ser afetado positivamente ou negativamente?”



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Diante das respostas obtidas, tem-se que 57,1% (quatro docentes de escolas públicas e quatro docentes de escolas privadas) sinalizaram que a utilização da metodologia interfere totalmente de modo positivo ou negativo a depender do modo como é utilizada. Ainda nessa perspectiva, destaca-se que 42,9% dos/as professores/as responderam que a utilização de determinada metodologia interfere no aprendizado, mas de modo parcial. Desse último grupo de professores/as (42,9%), pode-se provocar um questionamento: qual seria a justificativa para os/as C3, C6, C7, C13 e C14¹⁰ escolherem a alternativa “Sim, parcialmente” se na questão anterior (9) sinalizaram que fazem uso, em suas aulas, de uma metodologia contextualizada, na qual o foco é o texto?

Nessa ótica, pode-se denotar certa incoerência nas respostas das questões 9 e 10 quando feita a paridade entre ambas, visto que são complementares. Espera-se que o/a docente que sinalize fazer uso de metodologia contextualizada também sinalize que, a depender da metodologia empregada, o aprendizado será afetado positiva ou negativamente. Assim, entender que a metodologia que o/a docente privilegia em suas aulas pode afetar o aprendizado de estudantes é o primeiro passo para uma mudança de mentalidade no que tange às aulas de LP.

Em relação a isso, Antunes (2007) acredita ser importante reprogramar a mente de docentes, responsáveis e alunos/as para entenderem a importância de um ensino que extrapole a noção de certo ou errado e de aprendizagem de terminologias ou regras apenas. Diante dessa reprogramação ou, nos termos de Geraldí (1984), de mudança de atitude, pode-se visualizar uma metodologia que tenha por foco o texto como centro do empenho do/a docente, afetando positivamente, portanto, a aprendizagem do alunado.

Em resposta à pergunta 11 “Quais são os principais materiais/subsídios utilizados por você para suas aulas?”, tem-se uma nuvem de palavras que reúne os recursos utilizados mais presentes em aulas dos/as docentes investigados/as:

¹⁰ Apenas a C5, que está inserida no grupo de professores/as “Sim, parcialmente”, sinalizou que faz uso de uma metodologia tradicional e contextualizada.

Figura 1: Nuvem de palavras sobre recursos utilizados em aulas de LP



Fonte: Elaboração própria (2024).

A partir da Figura 1, é perceptível que são diversos os recursos utilizados nas aulas de LP. Em primeiro lugar – e presente nas respostas dos/as 14 docentes – está o livro didático como norte para o fazer pedagógico em sala de aula, o que confirma, portanto, a importância dada a essa ferramenta facilitadora do processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, tem-se o *Chromebooks* como uma ferramenta que, de acordo com eles/as, é bastante utilizada, seguida de caixa de som, celular, videoaulas, datashow, dentre outros. Nessa perspectiva, de acordo com as respostas, tanto educadores/as da rede pública como da rede privada valem-se, praticamente, dos mesmos recursos didáticos, reconhecendo-os como relevantes para atender às necessidades do alunado proveniente de contextos socioculturais diversos.

Por fim, na pergunta 12, última dessa análise, o intuito foi observar como os/as professores/as avaliam que a metodologia utilizada por eles/as, em sala de aula, é eficaz para seus/as educandos/as. Nesse questionamento, especificamente, pode-se agrupar as respostas em dois grupos: 1) dos/as docentes que compreenderam o intento da questão; e 2) dos/as que não compreenderam, conforme o quadro 2¹¹:

¹¹ O quadro 2 não contempla as quatorze respostas dos/as professores/as em virtude da limitação do número de laudas, mas apresenta um resumo/apanhado geral das respostas obtidas para essa pergunta.

Quadro 2: Sistematização de respostas da pergunta 12 “Como avalia que a metodologia utilizada por você, em sala de aula, é eficaz para seus/as alunos/as?”

	TRECHO DA RESPOSTA NA ÍNTEGRA	COMPREENSÃO DA PROPOSTA DA PERGUNTA
1	“Através do retorno do aprendizado do aluno que é aferido a partir das discussões, atividades e avaliações. Além disso, a interação do aluno com as atividades contribui para saber se a metodologia aplicada teve êxito.” (C1) – <i>Rede Pública</i>	SIM
2	“A metodologia utilizada nas aulas de Português são as disponíveis dentro do ambiente escolar.” (C6) – <i>Rede Pública</i>	NÃO
3	“Desde a implementação da metodologia a aprendizagem dos discentes teve uma crescente positiva, não apenas em forma de notas, como também a participação atividade em sala de aula.” (C9) – <i>Rede Privada</i>	SIM
4	“Bom.” (C13) – <i>Rede Privada</i>	NÃO

Fonte: elaboração própria (2024).

Como exemplificado no quadro 2, através das respostas dadas, nota-se que a C1 e o C9 – da rede pública e privada, respectivamente – conseguiram compreender o objetivo da questão: saber como elas/as avaliam se a metodologia aplicada em sala de aula é eficaz para a aprendizagem do alunado. Em suas respostas, percebe-se a importância dada à participação, às interações e às discussões em sala, não elegendo, apenas, avaliações somativas como recursos únicos para mensurar de qual modo a metodologia foi eficaz ou não.

No entanto, as C6 e C13 não compreenderam a finalidade da questão, respondendo totalmente o oposto do que se esperaria, ou seja, de apresentar os meios através dos quais eles/as têm ciência de que a metodologia em sala é, realmente, eficaz. Nessa perspectiva, pode-se refletir o quão isso é preocupante, tendo em vista ser uma pergunta de fácil compreensão e atuarem esses/as docentes como mediadores/as no processo de leitura, produção, interpretação e compressão textuais de alunos/as. Como poderão os/as educadores/as fornecer orientações quanto à interpretação textos de forma crítica se apresentam, em alguma medida, dificuldades nesse âmbito? É uma questão que deve ser sempre pensada.

Por fim, realizadas a análise e discussão sobre as respostas dos questionários, tem-se, na próxima seção, as considerações finais desse estudo sobre as metodologias do ensino de LP no município em questão.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, refletiu-se sobre metodologias do ensino LP no município de Penedo - AL a partir de uma investigação em escolas públicas e privadas em relação ao que pensam e acreditam os/as docentes dessa cidade acerca de metodologias. O objetivo proposto foi alcançado, haja vista que se conseguiu, através das respostas apresentadas por professores/as das redes pública e privada, tecer reflexões em relação às metodologias adotadas e privilegiadas no fazer pedagógico.

As respostas dos questionários dos/as docentes, tanto da rede pública como da privada, são semelhantes quanto à utilização de metodologias contextualizadas, isto é, aquelas que possuem como foco o texto, e metodologias tradicionais e contextualizadas em um único bloco. Isso revela, portanto, que as duas redes compartilham (in)diretamente sobre algumas atitudes e sobre o que acreditam em relação ao ensino de LP no município ribeirinho.

À vista disso, sugere-se uma reanálise da prática pedagógica de alguns/mas docentes, que concebem, ainda, a língua sob um ponto de vista simplista, colocando-a como sinônimo de gramática [normativa] e, por conseguinte, adotando uma metodologia tradicional que não faz sentido para o alunado por não despertar nele, exatamente, o interesse que a língua – quando concebida como interação e a aprendizagem vinculada ao exercício da compreensão de sentidos e intenções – pode proporcionar nas aulas de LP.

Diante do exposto, afirma-se, portanto, que esse trabalho não teve como objetivo exaurir todos os aspectos e implicações presentes no contexto analisado. Outrossim, sugere-se aqui também, além da (re)análise do fazer pedagógico por parte de docentes do município de Penedo, que mais investigações possam ser realizadas com docentes desse município, inclusive acerca de outras perspectivas de metodologias do ensino de LP, de modo a contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, assim, começar a caminhar em direção a uma educação além da gramática e sem pedras no caminho.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrições e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-54.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrições e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-29.

FARACO, Carlos Alberto. As sete pragas do ensino de Português. *In*: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 17-24.

FLICK, Uew. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Maria Nilma Goes da; GERALDI, João Wanderley. O circuito do livro e a escola. *In*: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 93-108.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-48.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PARASURAMAN, Ananthanarayanan. **Marketing research**. 2. ed. New York: Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida. O texto e o contexto. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrições e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 239-258.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. *In*: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 31-40.

SILVA, Suziane Oliveira Porto; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Variação tu e você na posição de sujeito em Coité do Nóia/AL. **Signum**: estudos da linguagem, Londrina, v. 22, n. 3, p. 205-226, 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/37683/28172>. Acesso em: 31 maio 2024.

Recebido em 4 de agosto de 2024.

Aceito em 13 de outubro de 2024.